



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/rio-jequitinhonha/>

Rio Jequitinhonha: o grande xapiri [1]

Déa Trancoso [2]



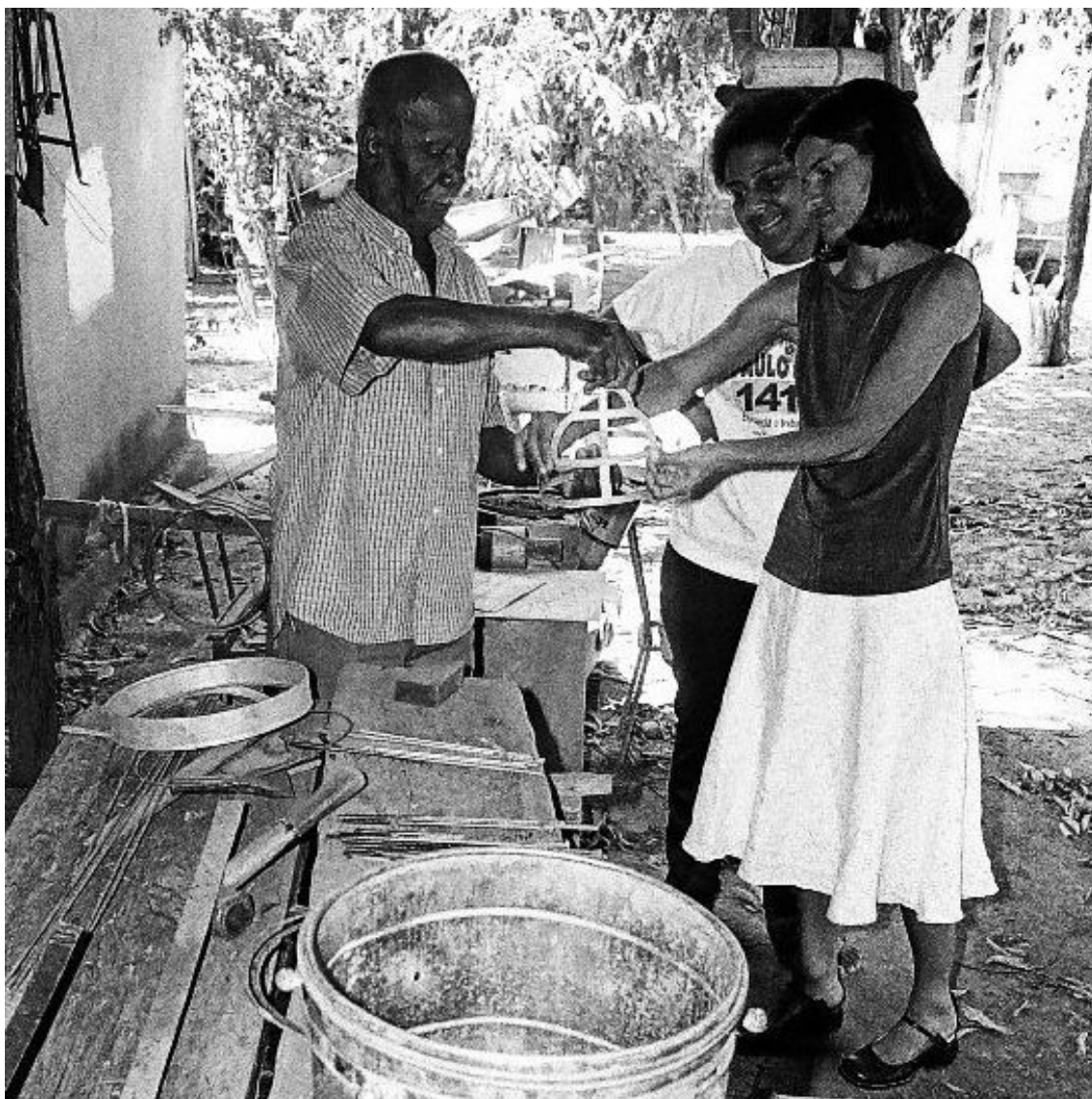
Nascente do Rio Jequitinhonha, estrada do Serro, durante viagem para produção do CD “Tum tum tum”, que viajou por 30 dias, de Diamantina, Alto Jequitinhonha, até Almenara, Baixo Jequitinhonha. Foto: Marcelo Oliveira (2000).

Eu e o Rio Jequitinhonha escrevemos, desde cedo, uma história de amor e sedução. Nasci a duzentos metros dele. Fui menina de sua beira. Do lado de cá da ponte, era o encontro com o rio diurno, quase compreensível. Do lado de lá, casos de salvamentos aflitos, trampolins [perdição dos meninos do ginásio], jiboias hipnotizantes, Ilha do Pão, Sete Voltas, Água Bela, redemoinho. O mistério líquido do rio incompreensível corria por dentro de mim. Debaxo da ponte, volume grande na enchente, pedras na seca. Em cima da ponte, a vida ao vento dos caminhantes no perigo do meio-fio.



O Jequitinhonha é quente, artístico, doméstico e cotidiano, com suas ruralidades impregnadas de memórias ativadas pelo “sol na moleira”, como dizemos por lá. Ruralidades tantas vezes rechaçadas pela cidade grande cheia simetrias urbanas padronizadas. A poeira vermelha, a falta de compromisso político de muitos, os jagunços, os coronéis, a séria dedicação e a ação concreta de outros, a ausência, o esturricamento, a riqueza, a pobreza, a fala musical do povo e a venda guimaraniana de Lidirico e Iaiá, em Araçuaí.

O rio [seus córregos e afluentes] e nossa natureza jequitinhonhezamente intrínseca a ele. A minha e a do Capitão João do Lino Mar, a dos mestres Ulysses [os três], a da benzedeira Sá Luíza, as das artesãs Lira e Zefa, a de Dona Ilídia e Dona Helena, a do Coral Trovadores do Vale, com os seus mais de 50 anos de existência, a do Coral Araras Grandes e sua intrépida trupe, a dos Meninos de Araçuaí que chamaram a atenção até de Milton Nascimento, a de Seu Antônio Tamborzeiro, com seu porte físico de elfo, nosso grande Frodo-xamã que parece ter saído direto das Terras Médias de Tolkien para livrar nos livrar das maldades. Nós somos os rios do Rio Jequitinhonha. Ele é o grande xapiri de nossa tribo.



João do Lino Mar, Capitão dos Catopês de Nossa Senhora do Rosário de Bocaiúva, em sua oficina, no quintal de sua casa, ensinando a mim e a Lucélia Pereira [sua filha e sucessora], como montar uma caixa de folia, durante viagem para a produção do CD “Tum tum tum”. Foto: Marcelo Oliveira (2000).

O rio, a natureza e as histórias. A história do “peixe que virou cobra”. A história dos “bichos da fortaleza”, em cujas sepulturas nascem cabelos, quando caem do céu os rios verticais. Natureza de rosa, rosário, caboclinhos, pastorinhas, canoeiros, cantigas de beira-mar, couro, coragem, tambor, fitas, aboios, vento, espelhos, danças e cantos catopeico-linomarianos. Natureza de reisados,



catimbós, bois de janeiro, cantadores, cantadeiras, dançadores, dançadeiras, lavadeiras, benzedeiras, agriculturas familiares. Natureza do barro, das mãos no barro, das bonecas de barro ganhando prêmios no mundo.

Dona Isabel Mendes, a bonequeira e ceramista pioneira do Médio Jequitinhonha, certa vez teve sua boneca principal, “A mulher amamentando”, premiada pela Unesco cuja cerimônia de entrega do prêmio seria em Paris. O Sebrae-MG, a instituição que deveria acompanhá-la até a França, lhe perguntou quais eram suas necessidades para a viagem, afinal, ela já era uma senhora idosa. Ela respondeu, com a simplicidade sofisticada dos sertanejos: *“Eu quero levar minha boneca no colo”*.



“A Mulher Amamentando”, de Isabel Mendes da Cunha. Fonte: Museu Casa do Pontal, Rio de Janeiro. Técnica: Cerâmica policromada. Ano: entre 1970 e 1980.



Assim é o Vale do Jequitinhonha. Embora existam páginas cruéis e sangrentas na história de sua civilização, o Vale do Rio Jequitinhonha é um dos maiores reservatórios de alegria que conheço. Talvez seja o legado da miscigenação que povoou o lugar, especialmente com as presenças indígena e africana. Para o historiador, nascido no Baixo Jequitinhonha, Luis Santiago (1999), em sua obra definitiva, “O Vale dos boqueirões: a história do Vale do Jequitinhonha”, é necessário fazer um levantamento das culturas que estão na base da formação da região, quando, em 1700, bandeirantes paulistas encontraram índios das nações Puris, Maxacalis, Pataxós, Boruns e Camacãs, que falavam *nheengatu* [3]. Os Boruns, chamados de maneira pejorativa de Botocudos, foram os “senhores absolutos das matas que margeiam o Rio Jequitinhonha, entre as cidades de Itaobim, em Minas, e Itapebi, na Bahia”. Santiago (1999) acrescenta, ainda, a população escrava, de origem africana, trazida para a mineração, dona de técnicas próprias de resistência, entre elas, a capacidade de “assimilação de elementos culturais de outros povos”:

No Brasil, isso fica claro nas religiões afro-brasileiras que mesclam elementos Bantos e Yorubás a manifestações católicas e mesmo das culturas indígenas (mães d’água, caboclos, Catimbós e outros). No Vale do Jequitinhonha, foram os escravos e os negros livres que deram origem às festas do Congado e do Reisado, às Irmandades do Rosário, aos Catopês, Bois de Janeiro, Caboclinhos, Marujadas, entre outras expressões culturais (Santiago, 1999, p. 218).

Várias componentes da cultura caipira brasileira, destacadas e examinadas por Antônio Cândido (1964), em “Os parceiros do Rio Bonito”, seu doutoramento em Ciências Sociais, ainda são encontradas no Vale do Jequitinhonha, mesmo que com diferenças de nomenclatura e de alguns detalhes. Formas de parceria agrícola [a meação], a importância da farinha de mandioca na agricultura de subsistência e comercial, práticas de mutirão, o associativismo, as estruturas familiares e comunitárias de trabalho, as produções artesanais, os dialetos ancestrais e regionais com sentidos mais amplos, mais ricos e cheios de nuances que extrapolam os padrões da norma culta da língua portuguesa, os ritos de passagem, as celebrações de vida e morte, os compromissos de honra, a palavra encantada ainda cheia de vida.



O Vale do Jequitinhonha é quase mítico, como diz o verso do cantador Rubinho do Vale: “De dia, está no jornal; de noite, está no cinema”. Muitos pesquisadores se dedicam às suas belezas e contradições. Essas três canções de rio o descrevem bem e revelam do que é feito o espírito do povo do lugar:

//Jequitinhonha, braço de mar / Leva esse canto pra navegar / Traz do garimpo pedra que brilha mais que a luz do luar// Jequitinhonha, jequitibarro / Mete essa unha e tira da terra vida talhada com as mãos / Vida talhada com as mãos // Já te quis, já te quis, já te quis tanto / Já te fiz, já te fiz, já te fiz sonho / Te cantei, te cantei, te cantei pranto / Como a água da chuva que inunda esse chão// (Leri Farias e Melão, 1980, álbum “Jequitinhonha”, resultado do “Projeto Jequitinhonha – uma expedição cultural”, coordenado pelo artista plástico Paulo Laender).

//A folia começa no altar da igreja / Desce as calçadas, cruza a praça e se embandeira / Rua acima, rua abaixo / Sobre e desce ladeira / E volta à igreja, cumprida a penitência / Depois da reverência aos santos da Irmandade inteira / Lá vai Mestra Diôla, porta-bandeira da crença / Vai na frente, vai rezando, o pendão da fé empunhando / Vai puxando as incelência // É o fogo da fé que incandeia o fervor dos foliões / Mais que o facho dos faróis / Mais que a tocha dos canhões / Mais que o clarão das velas / Das veladas procissões// (Gonzaga Medeiros, 2010, álbum “A poesia na praça”, Independente).

//Abaetê, minha terra tem / Homem de verdade, minha terra tem / Minas morena: outro lugar / Noutras palavras: Jequitinhonha / Levou pro mar força medonha / Trouxe a visão que desperta o brilho cego do prazer de quem sonhar // Língua de dois gumes / Palavra de dois sentidos / Raiva no curtume do tempo que tem sofrido // Filho da terra pegou na canção / Riscou no terreiro / Gritou pelo chão // Minas morena, outro lugar / Noutras palavras: Jequitinhonha// (Tadeu Franco, 1984, álbum “Cativante”, BMG Ariola).

As naturezas vivas do xapiri Jequi movimentarão os rios internos dos humanos, naturezas quase mortas? SERÁ QUE O RIO COMEÇA QUANDO O HOMEM ACABA? Aumentar a realidade dos rios marcará a hora de outra humanidade?

Exu, filosofia, ciência, arte, literatura e magia [4]



Técnica do desenho: papel reciclado [embalagem de um café gourmet africano ganhado de uma amiga], canetinha porosa fina, lápis de cor aquarelável, materiais de maquiagem [pincéis, sombras de olho] e cotonete de ouvido.

Linhas

~~~~rio~~Jequitinhonha~~exu~~ailtonkrenak~~isabellestangers~~gaiaintrusa~~cuidado~~medid  
a~~linha~~timingold~~gillesdeleuze~~brecha~~movimento~~~~~michelfoucault~~genealogia~~  
~exuzambarado~~exucalungadacalungagrande~~~~pombogiramarianavalha~pombogiracigana~po  
mbogiramariapadilha~~oxum~~~~~exuzépelintra~~monjalib~~bemtevi~~estudosmultiespécies~~  
~intersubjetivação~~cartografiasvoláteis~~catimbózen~~metodologia das sutilezas~~~~existências  
compartilhadas

## Fios d'água

Os pés na terra geram um tipo de pensamento. Os pés na água geram outro modo de pensar. A nascente de um rio é a coisa mais próxima do que seja o espírito da terra. Bem-te-vi [5], quando o mundo ficar feinho, lembre-se da aguinha feliz da nascente de seu rio. Volte sempre a ela.



*[Exu Zambarado, Diálogos longos com Bem-te-vi, Caderno de campo, 1997]*

Somente os guerreiros-mirins que moram nas nascentes dos rios podem mediar um acordo de paz entre os humanos.

*[Pombo Gira Maria Navalha, Diálogos com a Doutoranda, Caderno de sonhos, 2020]*

O rio da terra aonde você nasceu é o seu grande orixá. É para ele que você tem que prestar contas. É para ele que você pode pedir. É ele quem tem para dar. É a sua usina: reset e fornecimento.

*[Exu Calunga da Calunga Grande, Diálogos rápidos com a mestranda, Caderno de campo, 2018]*

Resistir é expandir a subjetividade.

*[Ailton Krenak, em Ideias para adiar o fim do mundo, 2019]*

O sol é uma estrela em declínio. Virá um dia em que o produto da combinação entre o hidrogênio e o oxigênio, deixando de se recompor para reconstituir os dois elementos à parte, permanecerá o que deve ser, água. Esse dia verá o fim do reinado das chamas, e o início daquele dos vapores aquosos, cuja última palavra é o mar.

*[Auguste Blanqui, em A eternidade conforme os astros, 2018]*

A vida é ora o hidrogênio solitário das estrelas ora a sua associação com o oxigênio comunitário dos rios.

*[Monja Lib [6], a mulher que vomitava desertos, em Pequenos textos reunidos, 2020]*

Quem te viu, quem te vê, quem te vê, quem te viu, deixa o Jequitinhonha viver, viva nós e viva o rio! Deixa o jequi correr tranquilo em seu leito, criando suas águas, fluindo seus peixes. Fora essas dragas, essas pragas medonhas. Salvemos o Jequitinhonha! Somos todos Jequitinhonha!

*[Si Amaral, em Quem te viu, quem te vê, canção, 1991].*

**Fazer rios é o próximo big-bang?**





Rio Jequitinhonha, vista chinesa da Montanha do Cruzeiro, Almenara, Baixo Jequitinhonha, durante viagem para produção do CD “Tum tum tum”. Foto: Marcelo Oliveira (2000).



Rio Jequitinhonha, vista chinesa da estrada São Gonçalo do Rio das Pedras-Diamantina, Alto Jequitinhonha, durante viagem para produção do CD “Tum tum tum”. Foto: Marcelo Oliveira (2000).





*Recebido em: 20/03/2021*

*Aceito em: 15/04/2021*





[1] Texto produzido para o jornal Estado de Minas, a partir de viagem que começou no Serro/MG, nascente do Rio Jequitinhonha, e terminou em Belmonte/BA, sua foz, num exercício proposto pelo Exu Zambarado, em 1997, de quem ouvi, pela primeira vez, a palavra xapiri e que eu “nunca me esquecesse do mestre dos espelhos”, se referindo ao rio e ao Capitão João do Lino Mar, que, em 2016, se tornou o sujeito dos meus estudos de mestrado.

[2] Alcidéia Margareth Rocha Trancoso (Déa Trancoso) é mestre em Estudos Rurais pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) e doutoranda em Educação pela Unicamp. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6480-1689>

[3] Idioma Tupi oficialmente proibido no Brasil, em 1732, por decreto do famoso Marquês de Pombal. É possível conhecer mais sobre o *nheengatu*, através das pesquisas do etnógrafo ítalo-brasileiro Ermano Stradelli, que se dedicou à cultura indígena e realizou expedições à Amazônia, estudando os Uananas. Os especialistas consideram o documento “Vocabulário português-*nheengatu/nheengatu*-português”, de sua autoria, de grande relevância linguística, sociológica e antropológica, pois, sendo fluente na Língua Geral, o pesquisador conseguiu, de fato, recolher um vocabulário com as riquezas próprias do cotidiano.

[4] Carta poético-afetiva do Rio Jequitinhonha, desenhada a partir do texto de 1997. Exercício para a aula “Ciência, arte e tecnologia”, oferecida por Susana Dias e Paulo Teles, via Labjor, Unicamp, doutoramento em Educação, semestre 2, dezembro de 2020.

[5] Uma subjetividade que meu corpo dá passagem, desde 1996, instaurada por mim e pelo Exu Zambarado.

[6] Uma subjetividade que o meu corpo dá passagem, desde 2014, instaurada por mim e pelo Exu Calunga da Calunga Grande.